

Restaurar Mata Atlântica é oportunidade, diz estudo

Relatório indica opções para que se crie uma economia de base florestal no bioma

Por Daniela Chiaretti — De São Paulo

09/06/2021 05h00 · Atualizado há 12 horas



Há oportunidades econômicas na restauração da Mata Atlântica por produtores rurais. Para isso é preciso promover uma estratégia de restauração em escala de paisagem, o que reduziria custos e criaria canais de comercialização, e um pacto de governança entre organizações públicas e privadas, empresas e investidores.

Estas são algumas conclusões de um estudo coordenado por pesquisadoras da Agroicone, organização que busca soluções para transformar a agropecuária diante dos desafios globais. O relatório indica opções para que se crie uma economia de base florestal no bioma baseada em sistemas agroflorestais - que combinam as espécies nativas com outras - e que gere receitas ao produtor para dar continuidade à restauração.

“Análise econômica da cadeia produtiva da recuperação da vegetação - oportunidades para financiamento da recuperação em escala de paisagem na Mata Atlântica” é o estudo que faz parte de um projeto iniciado há quatro anos e coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente com apoio da agência de cooperação alemã GIZ.

A Mata Atlântica tem o maior déficit para cumprimento do Código Florestal, que fez nove anos há poucos dias e ainda não foi implementado. O estudo cita cerca de 7 milhões de hectares passíveis de recomposição florestal. A maior parte (cerca de 4 milhões de hectares) são áreas de proteção permanente, as APPs, nas nascentes e margens dos rios, por exemplo, e a recomposição das Reservas Legais (cerca de 2,7 milhões de hectares, segundo o estudo).

A análise levou em conta três regiões diferentes da Mata Atlântica onde há unidades de conservação com remanescentes ainda importantes de vegetação nativa. Uma delas é no extremo sul da Bahia, que engloba 12 municípios e 1,6 milhões de hectares. Ali há 37.418 hectares disponíveis para recuperação, com custo estimado de R\$ 2,7 bilhões ao longo de 20 anos, diz Luciane Chiodi, sócia da Agroicone e coautora do estudo.

As outras duas áreas são no mosaico de unidades de conservação Central Fluminense, com 1,1 milhão de hectares e 23 municípios, e o mosaico Lagamar, no litoral sul de São Paulo e do Paraná, com 1,2 milhão de hectares.

“Nosso estudo busca criar uma estratégia de financiamento para a restauração destas três regiões da Mata Atlântica, de como a ação poderia ser financiada e trazer retorno econômico”, diz Laura Barcellos Antoniazzi, também sócia da Agroicone e coautora da análise.

“Olhamos a restauração não individualmente, porque há muitos produtores pequenos sem condições de financiar o restauro, mas em paisagem, para ter benefícios ambientais, econômicos e sociais em escala”, diz Luciane. Os custos com mudas, assistência técnica e estrutura de negócios seriam reduzidos. A recuperação deveria ser dividida em fases para diminuir o desembolso inicial. O estudo apontou para opções de financiamento nacionais e internacionais.

“Há muitos gargalos mas muito potencial”, diz Laura. A comercialização de sapucaia, cacau e açaí, por exemplo, poderia gerar receitas de R\$ 1,5 bilhão, R\$ 1,2 bilhão e R\$ 660 milhões respectivamente. As cadeias de negócios poderiam incluir fábricas de sucos e polpas. “Estamos falando da região mais populosa do país e de projetos que estariam perto dos mercados consumidores”, continua ela.

Conteúdo Publicitário

Luiz Barsi vende ações e reduz participação na Eternit para 4,79%

VALOR INVESTE

Gurgel Itaipu foi o primeiro carro elétrico nacional, mas morreu por problemas que existem até hoje

UM SÓ PLANETA

Bolsonaro admite que errou ao apontar supernotificação de mortes por covid-19

VALOR INVESTE